



Para o estudo das tradições populares

Dirigida por José da Silva Vieira.

Cantares Andaluzes

Em combates de bons tempos
Vencedor eu não vencido,
Nunca cerquei uma praça
Que se não tenha rendido.

E até achava
Rendidas muitas
Que não cercava.

Nunca de ti me recordo,
Dona do meu pensamento,
Porque atraz do recordar
Já existe o esquecimento.

Sempre na mente
A tua imagem
Tenho presente.

Sou às vezes recebido
Como exige a paixão cega,
Outras vezes muda o vento,
Tudo tudo se me nega.

Eu soffro e calo;
Talvez que um dia
Cante outro gallo.

Sempre as minhas intenções

Com cuidado dirigia,
Para ver se de algum nodo
Com teu gosto comprazia.

Porém, já vejo,
Que era loucura
Do meu desejo.

Tenho jurado esquecer-te
Quinhentas vezes seguras,
Mas em te vendo não posso
Lembrar-me das minhas juras.

Amor violento,
Só esquece a causa
Do esquecimento.

Costumei-me a rir do mundo,
Por ser o que elle merece,
E ainda me fica riso
Para mais mundos que houvesse.

Vi que era asneira
Passar chorando
A vida inteira.

Fechado está o cónvento,
Suas grades ólho e miro,
E n'ella fechada a pomba,
A pomba por quem suspiro.

Convento santo !
Lá teas a pomba
Por que eu canto.

*

Meu marido foi ás Indias
Para os seus bens augmentar:
Trouxe muito que dizer,
Porém pouco que contar.

Tu quizeste-me; esqueceste-me;
Depois tornaste-me a querer;
A roupa que deito fóra
Nunca mais a quero vêr.

Descabi da tua graça;
Agora, muito bons dias!
Inda que eu pintasse santos,
Demonios lhe chamaria.

Deu-me um medico a receita
Para um amor deshumano;
Uma onça de cautela
E duas de desengano.

Ao amor é bom dar largas,
E deixal-o andár sósin ho;
Se lhe tocam, como é cego,
Póde cahir no caminho

A mulher quer-se pequena,
Tudo o que é grande afugenta;
Quem não conhece o ditado:
«Grande nau grande tormenta?»

*

Nasce o gosto, do desgosto,
Como vem da flôr o fructo;
Eu quero aquella morena,
Soledade, ai soledada!
Eu quero aquella morena,
Que está vestida de lucto.

Quando, á noite, entro no quarto,
Em ti penso, logo, lá,
A's paredes perguntando . . .
Amor do meu coração!
A's paredes perguntando . . .
Se será . . . se não será . . .

Foi na pia do baptismo,
Que o nosso amor começou;

Quem podia imaginar
O' prenda da minha vida!
Quem podia imaginar
O que depois se passou!

Eu pensei que eras castello
Com alguma fortaleza;
Vi por fim que eras mulher,
Soledade, ai mal de mim!
Vi, por fim que eras mulher,
E que em ti não ha firmeza.

Se me não virgar em vida,
Na morte me hei de vingar;
Abrirei todas as covas,
Soledade, ai, triste, triste!
Abrirei todas as covas,
Até n'uma te encontrar.

Quem tiver penas d'amor,
Juntae ao meu seu mal atroz;
Talvez que chorando sangue,
Soledade, ai, ai, ai, ai!
Talvez que chorando sangue;
Alguem tenha dô de nós.

Foi, por ti, que me perdi,
Dize agora o que mais queres!
Não ha mal nenhum na vida,
Soledade, ai soledade!
Não ha mal neahum na vida,
Que não venha das mulheres.

Não me craves, com rancor,
Esse olhar azul celestes,
Porque n'elle vejo sempre,
Amor do meu coração!
Porque n'elle vejo sempre
O mau pago que me dêste.

Quando tens, como esta noite,
Zelos em vez de carinhos,
Ficas sendo a mesma rosa,
O' prenda da minha vida!
Ficas sendo a mesma rosa,
Mas com mais alguns espinhos.

Quem o sal te poz na bocca,
Deu-te o nome sem razão;
Tu devias ser chamada,
 Soledade, ai mal de mim!
Tu devias ser chamada,
Dos homens a perdição,

Anda morto e consumido
Pelo fogo em que me abrazas;
Tenho o coração mais negro,
 Seledade, ai, triste, triste!
Tenho o coração mais negro
Do que o corvo tem as azas,

Fui contar às pedras duras
Este mal que me não deixa,
Pois aquelle que tem penas,
 Soledade, ai, ai, ai, ai!
Pois aquelle que tem penas,
Até ás pedras se queixa.

*

Eu andei no cemiterio,
Ao coveiro perguntando
Se tem sitio reservado,
 Soledade, ai soledade!
Se tem sitio reservado
Para quem morreu amando.

Encostei-me ao pinho verde,
Por ver se me consolava;
Mas o pinho, por ser verde,
 Amor do meu coração!
Mas o pinho, por ser verde,
De vêr-me chorar, chorava.

Por um olhar dava o mundo,
Por um riso a luz do dia,
Por um beijo... eu já nem sei
 O' prenda da minha vida!
Por um beijo... eu já nem sei
Por um beijo o que daria!

*

Eu hei-de morrer cantando,
Já que chorando nasci,
Porque as penas do mundo
 Soledade, ai soledade!
Porque as penas do mundo

Não são todas para mim,
Dizem que as a ves da Arabia
Vivem toda a eternidade;
Não viviam se soubessem
 Amor do meu coração!
Não viviam se soubessem
Quanto dôe uma saudade.

Por ter de ti mil agravos
Hei-de mandar-te prender...
Na cadeia dos meus braços,
 O' prenda da minha vida!
Na cadeia dos meus braços,
Que n'outra não pôde ser

O meu carro da fortuna
Pouco tempo me durou;
Quando eu mais contente estava
 Soledade, ai mal de mim!
Quando eu mais contente estava
Foi que o eixo quebrou.

Não queiram chorar, meus olhos,
Lágrimas, não tenham pressa;
Quem tem de ser desgraçado
 Soledade, ai, triste, triste!
Quem tem de ser desgraçado
Desde pequeno começa.

Não tenho, por mais que busque,
Onde empregue o meu amor,
Pois não há no mundo um peito,
 Soledade, ai, ai, ai, ai!
Pois não há no mundo um peito,
Que queira dar-me calor,

Fernandes Costa

Conto oriental

Dous mendigos percorriam as ruas
de Constantinopla. Um d'elles gritava:
—Sar. Deus, ajuda-me!
O outro dizia:
—Sar. rei, ajuda-me!
O sultão, caçado d'ouvir este ultimo,
mandou-o chamar e deu-lhe um pão cheio

de docados, dizendo:

—Ahi tens. Que não te ouça mais.
Vae-te e sê feliz.

O mendigo tomou o pão, sem adivinhar o que elle continha, e voltou para casa. Mas no caminho encontrou o companheiro, e, como o pão lhe parecia cozido de mais, disse-lhe que lh'o cedia por algumas piastras. Dito e feito. O comprador, ao chegar a casa, partiu o pão, e imagine-se a sua admiração quando o achou cheio de pedras d'ouro. E ficou rico para toda a vida.

Deus tinha-o ajudado. Quanto ao outro, que implorava o senhor rei, continuou a mendigar.

Mais vale confiar em Deus do que nos homens.

A Rosa tyranna

(canção popular)

Eu gosto da boa vida,
O' Rosa
Tyranna
Comer bem, beber do fino;
Trá-laró, laró, laró!
E' o que mais appeteece
O' Rosa
Tyranna
O typo cá do menino.
Trá-laró, laró, laró!
Namorar as bellas moças,
O' Rosa
Tyranna
Ser com ellas cortezão,
Trá-laró, laró, laró!
E pedir-lhe cortezmente
O' Rosa
Tyranna
Um logar no coração.
Trá-laró, laró, laró!
E se uma cantadeira
O' Rosa
Tyranna
Me fas coegas na barriga,
Trá-laró, laró, laró!
Eu salto logo par' o meio
O' Rosa
Tyranna

Botar a minha cantiga
Trá-laró, laró, laró!
Não faço a coisa por menos,
O' Rosa
Tyranna
Sou filho de gente lhana,
Trá-laró, laró, laró!
Todas cá na terra dizem
O' Rosa
Tyranna
Que sou rapaz d'uma canal
Trá-laró, laró, laró!

Miscelanea Folk-lorica

No solo barrento,
Areia é estrume.

—Corrige o filho e a terra.

Quem tarda muito em lavar,
Pouco ha de encelleirar.

—O estrume não é santo, mas faz milagres.

—As tempestades purificam o ar e adubam a terra.

—Quem mal lavra pouco ceifa.

Pelo S. Matheus péga no arado e lavra com Deus.

—Quem não lavra quando pôde, não o faz sempre que quer.

Começa e acaba tudo a tempo.

«A terra não se faz velha,

«Faz-se velho o lavrador;

«Cança o boi, ella não cança,

«Se lhe poupam o vigor.

—Mais se adiantam os trabalhos do campo com a diligencia, do que com o dinheiro.

—O campo fraco lavrador forte.

Mais produz a curta tapada

Que herdade mal amanhada.

—Mata a sêda á terra, que ella te matará a fome.

—Os erros do agricultor nascem da ignorancia como os insectos da corrupção.

Bom estrume e bom lavor

Traz tudo que è um primor.

—A vista do dono aduba os campos.